

José Barata-Moura \*

# Na apresentação do Livro II de *O Capital* \*\*

À memória da Helena,  
companheira de 40 anos de muitas lutas

## § 1. Três Livros

A obra *O Capital. Crítica da Economia Política* de Karl Marx, na sua versão canónica publicada, compõe-se, como é do conhecimento geral, de três volumes (com primeiras edições, respectivamente, em 1867, 1885 e 1894), correspondendo igualmente o seu conteúdo a três Livros (¹).

\* Universidade de Lisboa

O Livro primeiro trata do «processo de *produção*» (*Produktionsß*) do capital.

Aí são analisadas – tanto no seu *teor* arquitectónico, como na sua *dinâmica* – entre outras questões: mercadoria e dinheiro, a transformação do dinheiro em capital, a produção da mais-valia *absoluta* (por prolongamento do dia de trabalho) e da mais-valia *relativa* (por aumento da produtividade do trabalho), o assalariamento que configura uma matriz do modo de produção capitalista, os diferenciados processos da acumulação do capital (incluindo a acumulação original) e a lei que os rege.

O Livro segundo debruça-se sobre o «processo de *circulação*» (*Zirkulationsprozeß*) do capital.

A atenção, neste volume, passa a encontrar-se centrada agora, muito em particular, no *movimento*.

Daí, o relevo liminarmente conferido às *metamorfoses* do capital nos diferentes *estádios* que integram o *circuito* que vai descrevendo; à rotação periódica do capital nas suas formas sucessivas circulares de «dinheiro», «mercadoria», e de novo «dinheiro» (em que a *velocidade* desse giro não pode ver-se dissociada da perspectiva de que «a finalidade determinante [*der bestimmende Zweck*] da produção capitalista é sempre a valorização do valor adiantado [*die Verwertung des vorgeschobnen Werts*]» (²)); à reprodução e circulação, enfim, do «capital social total» (*gesellschaftliches Gesamtkapital*) – tanto na figura da «reprodução *simples*» (em que a totalida-

\*\* Intervenção no debate sobre o tema  
*O Capital revisitado* na Festa do *Avante!*,  
Setembro de 2009

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

de da mais-valia é consumida pelos capitalistas), como na figura da «reprodução *alargada*» (que se verifica quando uma fracção da mais-valia é reinvestida, e se transforma, desse modo, em capital adicional).

O Livro terceiro, por fim, cura de recompor o «processo» completo ou «total» (*Gesamtprozeß*) da produção capitalista.

Trata-se, portanto, agora de, tomando na sua *unidade* o processo de produção e o processo de circulação, considerar o «processo de *movimento*» (*Bewegungsprozeß*) do capital «como todo» (*als Ganzes*), no sentido de surpreender a radicação e a génese daquela «fórmula trinitária» (*trinitarische Formel*) emparelhada que compreende «todos os segredos» (*alle Geheimnisse*) do processo social da produção capitalista: capital/lucro (ganho do empresário mais juros), terra/renda fundiária, trabalho/salário.

E neste Livro terceiro encontramos também diversas secções da maior importância, designadamente, no que diz respeito ao sistema financeiro – «o capital portador de juros» (*das zinstragende Kapital*) –, e à lei da queda tendencial da taxa do lucro, para além de muitas páginas interessantes sobre as crises económicas e a sua aceleração num quadro de alargamento generalizado do «sistema de crédito» (*Kreditwesen*).

Cabe-nos hoje apresentar aqui – na moldura ímpar desta combativa Festa do «Avante!» – o *Livro segundo* de *O Capital*.

Na presente tradução portuguesa, feita directamente do original alemão, este Livro vai aparecer – de acordo com o plano inicialmente traçado para esta edição – dividido em dois tomos: aquele de que aqui se procede ao lançamento, e um outro (já concluído e pronto a entrar na tipografia) que se prevê que saia ainda este ano, em Outubro ou Novembro próximos.

## § 2. A necessária e difícil montagem de uma obra

Como é sabido – e se encontra amplamente documentado, desde logo, numa correspondência mantida ao longo de anos –, *O Capital*, sem deixar de ser da autoria exclusiva de Marx, contou com uma intensa colaboração de Engels: na profusa recolha de elementos, na discussão de variadas questões, na emissão de múltiplas sugestões de redacção e de tratamento dos desenvolvimentos que, «dialecticamente» (*dialektisch*), como o próprio Marx refere, umas vezes foram seguidas, outras não <sup>(3)</sup>...

Seja como fôr, o que temos que reconhecer é que o Livro primeiro de *O Capital* corresponde a um texto formal e finalmente unitário – «o míssil mais medonho [*das furchtbare Missile*] que alguma vez foi disparado à cabeça dos burgueses (incluindo os proprietários fundiários)», como se confessa numa carta a Johann Philipp Becker <sup>(4)</sup> – preparado pelo próprio Marx para a publicação, após um longo e penoso parto que não deixou de ser jubilosamente celebrado <sup>(5)</sup>.

Aconteceu assim, nomeadamente, quanto ao aprontamento do original, tanto com a primeira edição de Hamburgo em 1867, como com o texto re-

visto da tradução francesa de Joseph Roy, saída em fascículos entre 1872 e 1875 – onde Marx tratou de introduzir alterações de monta, ao ponto de avisar que «ela possui um valor científico independente do original» <sup>(6)</sup>, e com o texto da segunda edição alemã de 1872, que lhe serviu de base.

Ainda mal a tinta do Livro primeiro tinha secado, e já Marx – que anteriormente havia encetado também a redacção de partes subsequentes da obra, seguindo uma ordem que deliberadamente não viria a ser a da exposição <sup>(7)</sup> – imaginava poder entregar muito em breve os Livros segundo e terceiro ao editor para impressão <sup>(8)</sup>.

As coisas, no entanto, não correram com a celeridade antecipadamente esperada – não apenas por motivos pontuais de deterioração do estado de saúde, por perturbações do ambiente de trabalho derivadas (por largos períodos) de uma vida familiar submetida a dramáticos apertos financeiros conhecidos, e por razões ligadas à prossecução da restante actividade política (nomeadamente, no âmbito da *Associação Internacional dos Trabalhadores*) <sup>(9)</sup>, mas, sobretudo, julgo que importa não esquecer, por acumulação de materiais, por alargamento das fontes de informação a compulsar e por aprofundamento dos estudos entretanto levado a cabo.

Em 1871, Marx chega mesmo a falar ao seu tradutor russo, Nikolai Danielson, da necessidade, que lhe havia passado pela cabeça, de empreender uma «remodelação completa» (*völlige Umarbeitung*) do manuscrito <sup>(10)</sup>. Sabemos, no entanto, também que, em Outubro de 1880, ele tratou de efectuar diligências (mal sucedidas, aliás) junto de Charles Darwin para que este aceitasse que o volume segundo de *O Capital* lhe fosse dedicado <sup>(11)</sup>.

Mas, em todo o caso, continuávamos a não dispor de um texto organizado e limpo, susceptível de publicação.

Marx vem a morrer a 14 de Março de 1883, deixando, assim, o seu projecto editorial inacabado.

Segundo declarações da filha Eleanor, logo na sequência do falecimento do pai, Marx tê-la-ia designado e a Engels como executores testamentários do seu espólio literário, com a incumbência expressa de providenciarem, entre outras, a publicação do Livro segundo de *O Capital* <sup>(12)</sup>.

Para além dos previsíveis problemas decorrentes da decifração da letra (a caligrafia era, reconhecidamente, má <sup>(13)</sup>) e das abreviaturas com abundância utilizadas – o estágio de elaboração em que os manuscritos se encontravam era muito variado e deixava muito a desejar (por vezes, tratava-se apenas de esboços), o seu ordenamento sequencial não apresentava sempre uma linha clara (sendo frequentes as repetições e a retomada de assuntos em versões sucessivas), a própria organização dos materiais suscitava dúvidas a resolver e impunha diferentes opções a tomar.

Foi, pois, a esta tarefa da maior complexidade – tanto mais quanto, como é sabido, Marx considerava que um «mérito» (*Vorzug*) não despidendo dos seus escritos publicados residia no facto de eles constituírem «um todo artístico» (*ein artistisches Ganzes*), o que pressupunha que antes de irem para a tipografia eles precisavam de estar, na sua inteireza, acabados e revisitos <sup>(14)</sup> – que Engels, com denodo, não hesitou em meter ombros.

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

Para um estudo minucioso e aprofundado dos desafios que rodearam, e das vicissitudes por que foi passando, este magno empreendimento, nós já dispomos hoje em dia de edições críticas cuidadas – não apenas da obra finalmente saída em 1885<sup>(15)</sup>, como também do manuscrito recopiado por Engels (em 1884-1885) que lhe serviu de base<sup>(16)</sup>, e ainda dos próprios rascunhos e apontamentos de Marx<sup>(17)</sup> que foram depois utilizados para a redacção em forma acabada (e publicável) deste livro.

Marx, no entanto, – porque, além dos contratemplos vários e da pressão naturalmente causada pelo arrastamento dos trabalhos, com toda a probabilidade estava ciente de aquilo que lhe teria acontecido se o houvesse revelado – acabou por esconder de Engels, ou por não lhe transmitir completamente, a situação (de alguma maneira, «caótica») em que os múltiplos materiais e notas, de facto, se encontravam.

Não é, por isso, difícil de compreender o desabafo lamentoso e algo arrependido de Engels, ao ver-se confrontado com o confrangedor panorama do inacabamento dos rascunhos deixados pelo amigo:

«se eu tivesse sabido disso» – confessa ele escassos meses após o falecimento de Marx, perante um reparo que August Bebel lhe havia dirigido nesse sentido – «não lhe tinha dado nenhum descanso [*keine Ruh*] dia e noite, até que [tudo] estivesse totalmente pronto e impresso.»<sup>(18)</sup>

Deve ter-se tratado, efectivamente, como nesta mesma carta se não omite, de «um trabalho» (*eine Heidenarbeit*)...

### § 3. Um manancial de aspectos a reter

Não me cabe, nesta apresentação, ensaiar sequer um resumo do Livro segundo de *O Capital*.

Desde logo, porque a sabença económica requerida para o efeito me falece, e, ademais, porque não se trata, em caso algum, de substituir a leitura e o estudo da obra (que importa incentivar) por um tosco e mal amanhado digesto, isto é, por um sucedâneo apressadamente digerido, em perigoso movimento acelerado para a contrafacção.

A chamada «alta divulgação» – sem dúvida, necessária e útil – é, na realidade, outra coisa, e reclama predicados e competências que de boa mente reconheço não reunir. É por isso que a divisão do trabalho – nestas, como em outras matérias – representa uma dimensão incontornável de um labor colectivo que importa empreender, e organizar.

Engels, na sequência aliás de receios que o próprio Marx não deixara de partilhar<sup>(19)</sup>, temia – como, não raro, avisadamente – que «o volume segundo [de *O Capital*] vai suscitar grande desilusão [*Enttäuschung*], por ser tão puramente científico [*rein wissenschaftlich*] e não conter muito de agitatório [*nicht viel Agitatorisches*].»<sup>(20)</sup>

Em termos de desassombroso balanço comparativo – designadamente, se os livros primeiro e terceiro representarem a baliza de referência utilizada —, este ajuizamento de Engels é justificado, e podemos afirmar sem exagero que está, em larga medida, correcto.

Com efeito, os processos à matéria pertinentes são minuciosamente desconstruídos e dissecados nos seus elementos, na sua envolvência, no seu movimento; as teorias da economia política burguesa (os fisiocratas, Adam Smith, David Ricardo, notórios representantes vários do «economismo vulgar», etc.) que os procuram «explicar» são aturadamente expostas, discutidas, reveladas nas absconditas contradições de que se alimentam e nos reais desígnios (nem sempre confessados) que se propõem consolidar; recorre-se, amiúde, a fórmulas abstractas e a expressões matematizadas para ilustração exemplificativa dos casos e das dinâmicas em apreço.

Não obstante, este Livro segundo – que, como já referi, tem por objecto o processo de *circulação* do capital –, a par do seu núcleo central e estruturante, encontra-se igualmente recheado de observações, e de toda uma inflexão na maneira de dirigir o olhar, que certamente contribuem para uma frutuosa «agitação» dos espíritos que pretendam compreender as realidades e empreender praticamente a sua transformação.

Ainda que telegraficamente, e de modo desgarrado, limito-me – por amostragem quase-aleatória, se é que não por inabilidade em melhor organizar o discurso – a chamar a atenção para uma meia dúzia de aspectos que vão conhecendo aclaramento à margem, ou ao longo, deste escrito.

Deve tomar-se, portanto, este abreviado elenco apenas ao jeito de um aperitivo (seco) para a curiosidade...

Assim, do ponto de vista metodológico – pensado sempre em termos materialistas e dialécticos –, Marx continua a seguir, tal como no conjunto dos seus trabalhos, a boa lição de Hegel <sup>(21)</sup>, segundo a qual um *resultado* não pode ser considerado, na sua concreção, «sem a mediação [*Vermittlung*] do processo de que ele é resultado» <sup>(22)</sup>.

Significa isto – particularmente, quando aquilo que está a ser objecto de exame é, como no caso vertente, a esfera da *circulação* do capital – que «num círculo constantemente em rotação [*beständig rotierender Kreis*], cada ponto é, simultaneamente, ponto de partida [*Ausgangspunkt*] e ponto do regresso [*Punkt der Rückkehr*].» <sup>(23)</sup>.

Pelo que, uma vez mais, o ponto de vista reitor da economia política burguesa – que, em geral, se limita a encarar na sua imediatez «aquilo que *aparece*» (*das, was erscheint*) <sup>(24)</sup>, sem atender à *dinâmica* material *concreta* que sustenta os próprios fenómenos na sua determinação e transitividade – acaba também por revelar, e por ver criticamente expostas, ao correr da pena, as suas debilidades intrínsecas e estruturantes.

No que diz respeito ao conteúdo operacional de muitas das categorias utilizadas na análise dos processos do capital, deparamos igualmente neste Livro segundo com aclaramentos e precisões do maior alcance.

Para além da distinção entre «reprodução simples» (*einfache Reproduktion*) e «reprodução alargada» (*erweiterte Reproduktion*), a que no início desta intervenção já aludi, poderíamos, por exemplo, ter em conta a noção de «taxa real da mais-valia» (*wirkliche Rate des Mehrwerts*) – indicador que expressa o «grau de exploração do trabalho» (*Exploitationsgrad*

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

*der Arbeit*)<sup>(25)</sup> –, e, sobremaneira, a necessidade de não confundir, nem conceptual nem funcionalmente, as categorias de «capital fixo» (*fixes Kapital*) e de «capital circulante» (*zirkulierendes Kapital*) com as categorias, só numa aparência enganosa equivalentes, de «capital constante» (*kons-tantes Kapital*) e de «capital variável» (*variables Kapital*)<sup>(26)</sup>.

Com efeito, o «capital fixo» (instalações, máquinas, ferramentas) transfere *fraccionadamente* o seu valor para o produto ao longo de diferentes períodos de produção, enquanto o «capital circulante» (matérias-primas, semi-fabricados, combustíveis, força de trabalho) é inteiramente despendido em cada período de produção.

Por sua vez – e consideradas as relações sob um outro ângulo –, o «capital constante» corresponde aos meios de produção envolvidos na actividade produtiva, enquanto o «capital variável» representa aquele que é empregue na aquisição da força de trabalho.

Se é certo que, em rigor, o «capital fixo» não compreende senão «capital constante», a esperada analogia simétrica não colhe, todavia, num quadro de aplicação ao «capital circulante», uma vez que este último, além da força de trabalho (que o «capital variável» compra), inclui também elementos de «capital constante».

Não estamos, na verdade, nem perante meros floreios conceptuais de adorno ocasional do discurso, nem perante subtilidades escolásticas reaquecidas próprias de mentes sinuosas em demanda de um halo de «profundidade» e de sofisticação para as suas cogitações – destinados, em qualquer caso, todos, tão-só, a complicar rebuscadamente aquilo que afinal seria simples.

Estamos a lidar, sim, e muito pelo contrário, com categorias que – reflectindo adequadamente na consciência (em registo abstracto) processos que em concreto na realidade se dão<sup>(27)</sup> – nos habilitam a penetrar em toda uma teia complexa de relações que a aparente simplicidade, de uma forma nem sempre inocente, esconde ou mascara.

Este ponto – que, em regra, a economia política burguesa tende a negligenciar ou a obscurecer – revela-se, portanto, e deste modo, como crucial para se poder perceber, designadamente, o processo real de criação da mais-valia.

Por outro lado, este Livro segundo fornece-nos ainda amplos e fecundos materiais para uma apoiada reflexão sobre alguns outros aspectos que – visto constituírem traços decorrentes da própria «lógica» que rege a instauração e o desdobramento do próprio modo de produção capitalista – continuam hoje em dia, *modificadamente* (este ponto é crucial em qualquer exame), a manifestar-se com exuberância na nossa contemporaneidade.

Recordemos, em jeito de ilustração rápida (porventura, apenas impressionista), alguns tópicos em torno, por exemplo, da «mundialização», da «mercadorização», e da «financeirização».

O importante tema da *mundialização* tendencial da economia capitalista<sup>(28)</sup> – que se articula, de modo decisivo, com os acelerados progressos das tecnologias de transporte e de comunicação<sup>(29)</sup>, já à época em curso (e de cujo alcance sistémico e implicações Marx, em antecipação, se apercebe) – é recorrente.

Não faltam, inclusivamente, argutas observações quanto às alterações introduzidas por novos mecanismos de segmentação no fabrico dos próprios produtos, como a de que, no quadro produtivo transformado e em regime de mercado mundial, «o artigo é importado, aos pedaços [*stückweis*], de diversos países e em prazos de tempo diversos.»<sup>(30)</sup>.

Por outro lado, e em termos de genérica matriz reitora, a *mercadorização* crescente da economia – isto é, o esforço concertado para, num movimento combinado de extensão (geográfica e *qualitativa*) dos mercados, converter em «mercadoria» qualquer *produto* social<sup>(31)</sup>, com o conseqüente alargamento (quantitativo e intensivo) da base potencial de extracção da mais-valia sob a forma de lucro, e a correlativa transformação tendencial de todo o trabalho em trabalho assalariado<sup>(32)</sup> – surge-nos igualmente posta em evidência.

Com efeito, no âmbito desta formação económica e social – elevando-se do seu cerne, e desenhando-lhe um dos seus cunhos –, «a produção de mercadorias» (*die Warenproduktion*) acaba (e começa) por assomar como «a forma universal da produção capitalista» (*die allgemeine Form der kapitalistischen Produktion*)<sup>(33)</sup>.

Por sua vez, a *financeirização* da economia – a par, e para além, das dimensões específicas que derivam do desenvolvimento dos sistemas de crédito<sup>(34)</sup> (historicamente relevante, que mais não seja, pelas variadas alavancagens que permite) – é também objecto de penetrante chamada de atenção, onde, desde logo, se não esquece o sublinhado de algumas das suas correlativas implicações sistémicas.

Se o objectivo genérico, e «o motivo impulsionador» (*das treibende Motiv*), da actividade capitalista – no fundo, a sua teleologia propriamente dita – é, sem rodeios metafísicos mais sofisticados, «o fazer dinheiro» (*das Geldmachen*), não pode causar particular admiração que este afã principal, «competentemente» prosseguido, acabe por conduzir a uma subalternização relativa dos sectores realmente produtivos, e a uma soltura cíclica da espiral especulativa (acompanhada e «corrigida» pelas suas conhecidas «crises», de extensão e profundidade variadas).

Enquadrado por estas luminosas perspectivas (cuja latência permanece intocada), e encarado pelo ângulo do móbil que anima aqueles que delas se encarregam de extrair o melhor provento (leia-se: proveito),

«o processo de produção [*Produktionsproceß*] aparece apenas», então, «como inevitável elo intermédio [*unvermeidliches Mittelglied*], como mal necessário [*notwendiges Übel*] para efeitos do fazer dinheiro. Todas as nações do modo capitalista de produção são, portanto, periodicamente [*periodisch*] atingidas por uma vertigem [*Schwindel*, que pode significar também em alemão (e na realidade de qualquer idioma): embuste, logro, aldrabice] em que querem consumir o fazer dinheiro sem a mediação [*ohne Vermittlung*] do processo de produção.»<sup>(35)</sup>...

E podíamos prosseguir ainda, sem nos afastarmos minimamente do texto, com o alinhamento nutrido de muitas outras observações interessantes e esclarecedoras.

Por exemplo, sobre o negócio bolsista das sociedades por acções – em que «cada um sabe o que lá põe, mas *não* o que de lá retira»<sup>(36)</sup> –, ou

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

sobre a especulação imobiliária urbana, em contextos mormente em que o «ganho principal» (*Hauptgewinn*) advém, não da exploração da actividade construtiva propriamente dita, mas antes da manipulação «hábil» do preço dos terrenos e da política dos solos <sup>(37)</sup>.

É curioso referir ademais um outro tópico.

Trata-se de um ponto que a propaganda burguesa (algo amachucada agora, é certo, à vista de estrondosos acontecimentos mais recentes pelas paragens da alta finança) em torno do criterioso «rigor» capitalista – contra o apregoado regabofe das contas públicas no satânico socialismo da planificação «colectivista» (e, portanto, sem apelo, liminarmente decretado «irresponsável») – com usitada frequência esquece, desfigura, e oculta, para efeitos que me abstenho, por higiene mental, de qualificar.

Com efeito, muito boa (e selecta) gente ignora (ou faz por ignorar) que o próprio Marx – reconhecendo não obstante a evidência palmar de que a «contabilidade» (*Buchführung*), por ela mesma apenas, «não altera naturalmente nada à conexão real [*wirklicher Zusammenhang*] das coisas que contabiliza» <sup>(38)</sup> – insiste todavia, e por diversas vezes, no papel crítico indispensável de que uma apropriada auditação constitutivamente tem que se revestir, desde logo, em termos de, e com vista a, um adequado assenhoreamento *social* (no limite: comunitário, e *comunista*) do andamento e da gestão da economia.

Como expressamente se refere, de resto, no texto que vimos apresentando:

«A contabilidade, como controlo [*Kontrolle*] e compêndio ideal [*ideelle Zusammenfassung*] do processo [produtivo], devém tanto mais necessária quanto mais o processo decorre a escala social [*gesellschaftliche Stufenleiter*] e perde o carácter meramente individual; portanto, [torna-se] mais necessária na produção capitalista do que na exploração dispersa do artesanato e dos camponeses, mais necessária na produção comunitária [*gemeinschaftliche Produktion*] do que na [produção] capitalista.» <sup>(39)</sup>.

A terminar esta secção, assinalemos ainda um outro aspecto – que, em rigor, só se torna ridículo na exacta medida daquela deslumbrada pompa «teorética», de verdadeiro achado perolífero, com que surge debitada e nos costuma ser servida.

Trata-se agora da impiedosa desmontagem a que Marx procede no que diz respeito à peregrina e mistificatória tese – popular entre certa apologética capitalista mais reverente e despachada –, segundo a qual, no fundo, o *operário* também tem que ser considerado um *capitalista*, na medida em que também ele vai ao «mercado» vender a sua «mercadoria», a sua força de trabalho, isto é, na realidade, vai ao mercado vender-se «ele próprio» (*sich selbst*) para com o «rendimento» (*Revenue*) que dessa transacção aufere poder adquirir meios de vida que lhe permitam a subsistência (e a reprodução de força de trabalho a ser de novo vendida, comprada, e explorada) <sup>(40)</sup>...

Quando a cavalaria impante toma o freio nos dentes e carrega à desfilada por esta encosta presumida e convenientemente «argumentativa» – que, no limite, até acaba por ir desembocar no pântano da fascinante e

embevecida conclusão de que também o *escravo* é afinal um *capitalista* (como o próprio Marx, nesta passagem, não deixa de pôr em relevo <sup>(41)</sup>) –, prescinde-se de algumas cautelas (não apenas teóricas, mas emergentes da própria imposição das realidades) que facilmente aceleram e precipitam derrapagens e desastres vários.

Com efeito, encarando os processos na sua dinâmica e concreção, é impossível não esquecer que, num marco de relações burguesas de produção, o capital variável só desempenha funções de *capital* na mão do capitalista que o emprega no exercício dessa sua qualidade; na mão do «assalariado» (*Lohnarbeiter*), o dinheiro que lhe corresponde é apenas rédito ou «rendimento» (*Revenue*), o «equivalente» recebido «por força de trabalho vendida» (*Aequivalent für verkaufte Arbeitskraft*). Na posse de um e na posse de outro, o mesmo dinheiro assume, por conseguinte, uma aplicação útil ou uma «utilização» (*Nutzenwendung*) totalmente diferente.

Há, de facto, «confusões» – como esta entre «força de trabalho» (a «fortuna», *Vermögen*, do operário, que ele renovadamente é obrigado a vender) e «capital» (que a compra para dela extrair mais-valia) – de que sinuosamente alguns espíritos «espertos» (repetindo, nos seus panegíricos, a recitação coreografada de cartilhas afinal bem gastas) persistem em querer tirar proveito *ideológico*. Já no que diz respeito, porém, ao «abichamento» (*Ergatterung*) <sup>(42)</sup> dos lucros resultantes da exploração do trabalho alheio, em contrapartida, e para geral aconchego das suas bolsas e consciências, eles revelam-se, em geral, bem mais vigilantes e cuidadosos, menos propensos a «enganar-se»...

Nesta oportunidade, vale a pena recordar em desabafo – porque é flagrante a sua pertinência de contexto – uma exclamação que Marx não se inibe de soltar, ainda que a propósito de mais um outro destempero dos «economistas vulgares»:

«Voilà le crétinisme bourgeois dans toute sa béatitude!» <sup>(43)</sup> – «Eis o cretinismo burguês em toda a sua beatitude!».

#### § 4. Três perspectivas centrais

Não nos percamos, porém, em demasia pelos meandros deste rico e labiríntico manancial de sugestões para reflexão (e de ferramentas para a leitura, e para a transformação, das realidades), de que aqui apenas fornecemos um pálido e fugidio apontamento.

Porventura, mais importante do que a recreação proveitosa nestes afloramentos pintorescos – cuja frequência, sem dúvida, se pode revelar, a diversos títulos, gratificante e esclarecedora – é ter em conta algumas perspectivas centrais que subtendem e conferem consistência a toda a análise marxista do capital.

Consintam, por isso, que, a terminar esta fala, procure chamar a atenção para três das dimensões que se me afigura indispensável manter presentes, ao longo da leitura, e do estudo, desta obra.

Procuram estas anotações, no capítulo em que agora entramos, organizar-se, fundamentalmente, em torno do entendimento de aquilo em que o capital

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

consiste, da apreensão do elemento motor da produção capitalista, em geral, e do desvendamento necessário dos mistérios que ensombram (e assombram) a génese da mais-valia.

A primeira nota prende-se, portanto, com a consideração de que, na realidade, aquilo que nos surge designado pela categoria «*capital*» não é apenas «dinheiro», de que o *capital* não é uma «coisa», mas uma *relação* determinada – uma relação social e historicamente determinada, na organização *material* do viver colectivo segundo uma *dada forma* (que não foi, nem será, a única) de o *produzir* e reproduzir.

Esta perspectiva central – aparentemente, simples na sua enunciação – está, todavia, longe de cair no departamento das meras trivialidades; pelo contrário, ela vem a configurar uma *abordagem inovadora*, que se revela essencial para a compreensão de todo o pensamento de Marx, na medida em que proporciona todo um outro ângulo de visão para o surpreender de aquilo que na realidade se passa.

Trata-se de um enfoque verdadeiramente seminal que transparece já, desde logo, no *Manifesto do Partido Comunista* (44). Aparece aprofundado e desenvolvido, tanto em *Trabalho assalariado e capital* (de 1849, publicado na *Neue Rheinische Zeitung*) (45), como, dez anos mais tarde, no *Para a crítica da Economia Política* (saído em 1859) (46).

Encontramos, porventura, no Livro Primeiro de *O Capital*, aquilo que poderíamos designar por a formulação clássica desta ideia: «o capital não é uma *coisa* [*Sache*] mas uma *relação social* [*ein gesellschaftliches Verhältnis*] entre pessoas mediada por coisas.» (47).

Acresce, além disso, que o capital – mesmo se, e quando, entendido na relacionalidade intrínseca que o constitui – não se dá nunca como entidade estática eximida às vicissitudes de um processo, não se apresenta como uma mera «coisa em repouso» (*ruhendes Ding*).

Tal como neste Livro segundo se sublinha: «O capital, como valor que se valoriza [*sich verwertender Wert*], não encerra apenas relações de classes [*Klassenverhältnisse*], um carácter social determinado que repousa sobre a existência do trabalho como trabalho assalariado. Ele é um movimento [*eine Bewegung*], um processo de circuito [*ein Kreislaufsprozeß*] através de diversos estádios» (48).

O capital é, portanto, *relação e movimento* – um movimento fundado numa, e mediado por uma, relação matricial (de exploração), ou um relacionamento determinado de agentes (antagonicamente diferenciados nos seus interesses) que, na sua devenida, vai percorrendo estádios, e assumindo figuras, diversos.

É por isso que – não sendo embora de descurar, em caso algum (nem do ponto de vista da compreensão teórica, nem do ponto de vista da luta económica e política), os múltiplos problemas respeitantes à *distribuição* da riqueza – o fulcro determinante da questão gira, no entanto e primordialmente, em torno do *modo* sistémico que preside à sua *produção* (e que consigna, do mesmo passo, os objectivos que ela persegue, e a «chave» de imputação para as suas modalidades de apropriação social).

A segunda observação – que, de resto, se articula visceralmente com a primeira – obriga-nos a encarar a finalidade, e a razão impulsionadora, de toda a produção capitalista, em geral.

É fundamental, por conseguinte, ter presente que o modo *capitalista* de produzir não visa essencialmente, com efeito, nem fabricar bens, nem vender serviços, nem – como alguns sibilamente mostram hoje predilecção por dizer, enfeitando o discurso – «produzir valor» ou «acrescentar valor»; e muito menos se trata, por certo, de satisfazer, primacialmente, necessidades sociais.

Sem dúvida, que algumas destas coisas – ou até todas – acabam por ser levadas a cabo, no interior de um invólucro matricial que, porém, é imprescindível nunca desatender.

Na realidade, o *objectivo* da actividade capitalista de produção – em qualquer uma das suas figuras de manifestação, porque é essa a sua *forma determinante* – reconduz-se, pelo contrário, e com todo o impacte da sua singeleza desnudada: à extracção de mais-valia, apropriável pelo detentor dos meios de produção sob as roupagens de lucro (que, sem dúvida, a rebuscada alfaiataria financeira, mais conhecida, não sem eufemismo, por engenharia do planeamento fiscal, não deixará de procurar adelgaçar).

Em regime e em registo capitalista, este é, com efeito, – por natureza intrínseca de constituição, que não escorre apenas dos tristes episódios de maldade perturbada, ou de ganância desmedida, que a cegueira de alguns dos seus fervorosos intérpretes mais empreendedores à saciedade, e à sociedade, escancaram – o eixo norteador em torno do qual obrigatoriamente tudo tem que girar, sob pena de assegurado desabamento dos andaimes de reparação corrente e dos contrafortes ajuntados que vão escorando o edifício.

E é isto que, no fundo, e desde o fundo, acontece (e tem que acontecer, por força da matriz que comanda *este modo determinado* de produção), apesar de todos os desvairados ou garridos temperos filantrópicos que – com as melhores intenções gastronómicas para a dieta social, ou, mais prosaicamente, em virtude da conjuntura menos favorável que a correlação das forças em presença atravesse – se esteja na disposição generosa de ir vertendo para dentro da panela, em operações de fina, ou de mal disfarçada, cosmética restaurativa, acompanhadas, ou não, do clamoroso rufar dos tambores e charamelas da propaganda.

É para tudo isto também que Marx, na sua exaustiva análise crítica dos processos reais do capital, cuida de nos ir chamando argutamente a atenção – levantando, do mesmo passo, a ponta do véu que tantas vezes encobre e embala o segredo da tão propalada e brandida «produtividade» (que, sem dúvida, pode e tem que ser encarada, e promovida, segundo outros desígnios que não o do seu entendimento rasteiramente capitalista).

Tal como no Livro primeiro de *O Capital* podemos ler:

«A produção capitalista não é apenas *produção de mercadorias* [*Produktion von Ware*]; ela é essencialmente *produção de mais-valia* [*Produktion von Mehrwert*]. O operário produz, não para ele, mas para o capital. Não basta mais, portanto, que ele produza, em geral. Ele tem que pro-

## Na apresentação do Livro II de O Capital

duzir mais-valia. [Por isso,] *só é produtivo o operário que produz mais-valia para o capitalista, ou que serve para a auto-valorização [Selbstverwertung] do capital.*»<sup>(49)</sup>.

Ou, de acordo com uma outra formulação concentrada que nos é dado encontrar no Livro segundo:

«O processo imediato de produção do capital é o seu processo de trabalho [*Arbeitsprozeß*] e [o seu] processo de valorização [*Verwertungsprozeß*] – o processo cujo resultado [é] o produto em mercadorias [*Warenprodukt*], e cujo motivo determinante [é] a produção de mais-valia.»<sup>(50)</sup>.

A terceira observação conduz-nos directamente ao núcleo, porventura, central de aquilo que é investigado e debatido neste Livro segundo, ou à razão de ser dos percursos que aí são minuciosamente examinados.

O Livro segundo tem por objecto, como já referimos, o *processo de circulação* do capital. Para além de nos procurarmos aperceber do modo como ele *in concretis* funciona nos seus diferentes circuitos e rotações, é, no entanto, preciso compreender, em rigor, e primordialmente, como é que nele se «faz dinheiro».

E é chegados a esta arriba que, uma vez mais, as aparências – quando não são submetidas a uma rigorosa e apropriada perscrutação crítica, que nos desate e faça falar tudo aquilo que de dentro delas pulsa, e as configura – costumam iludir.

Nos termos e de acordo com «a representação habitual» [*die gewöhnliche Vorstellung*] – em que a economia política burguesa se firma, e de que largamente se faz eco –, «porque a mais-valia [*der Mehrwert*] só é realizada [*realisiert wird*] pela venda do produto, pela sua circulação, ela brotaria apenas da venda, da circulação.»<sup>(51)</sup>.

Esta é, em suma, a reluzente tese – amplamente disseminada, aliás, entre diversificados sectores de opinião (segundo níveis de consciência muito variáveis quanto à sua verdadeira natureza e implicações) – que merece imprescindível exame crítico.

Com efeito, a desmontagem apropriada (porque com fundamento) do teor deste jeitoso expediente «explicativo» – fortemente entranhado na observação banal, e tão amiúde repetido – acaba por se revelar crucial para uma penetração na inteligibilidade concreta da *trama de exploração* que sustenta desde o âmago todo o modo de produção hegemonicamente instalado.

Aquilo que acontece, na realidade económica das relações materiais sob o capitalismo, é, na verdade, algo de acentuadamente distinto do que, em termos de imediatez, se retrata, e representa, na abordagem costumeira acima referida.

Como Marx, pelo menos, desde os *Grundrisse zur Kritik der politischen Ökonomie* (manuscritos cuja composição remonta ao período de 1857-1858), claramente se apecebeu, e expressou lapidamente:

«a circulação do capital é *realizadora de valor* [*wertrealisierend*], assim como o trabalho vivo [*lebendige Arbeit*] <sup>(52)</sup> é *criador de valor* [*wertschaffend*].»<sup>(53)</sup>.

Este ponto – que está longe de redundar num hábil trocadilho retórico, ou num insinuante jogo de palavras – reveste-se da maior relevância teórica (potenciadora, desde logo, do seu eventual alcance e impacte práticos), porque nos abre efectivamente as portas que franqueiam o acesso ajustado áquilo que na realidade se passa.

A *circulação* corresponde, na verdade, à complexidade de um processo em que, mediante um conjunto variado e sucessivo de *transacções*, o «valor» se vai «realizando» ou reificando – isto é, transformando em «coisa», ganhando a consistência de «objecto» (susceptível de ser consumido, trocado, acumulado, reinvestido).

No que diz respeito, porém, à «mais-valia» – e não esqueçamos que ela corresponde à figura do valor que verdadeira e obrigatoriamente interessa ao capitalismo, e cuja extracção para efeitos de reprodução alargada funda a razão de ser da ordem que ele institui –, ela é sempre, e em qualquer caso, *resultado*, em primeira instância, do *trabalho* (explorado) que a produz, e não da «circulação» em que o valor se vai materializando ao jeito de um precipitado.

Por conseguinte, entre algumas outras coisas, ficam desde logo em fumo desvanecidos os vaporosos mitos de que o «segredo» do lucro reside no circuito das vendas (e das habilidosas manigâncias que no âmbito deste, com maior ou menor desfaçatez e apetite, se exercitem).

A fonte do lucro jorra, sim, de uma nascente bem distinta, e mais profunda: da apropriação de trabalho não pago por parte do capitalista enquanto proprietário privado (mesmo quando «corporativamente» sem rosto) dos meios de produção.

Esta é verdadeiramente a chave, a meu ver, para a compreensão do genuíno alcance deste Livro segundo: a «circulação» permite decerto a «realização» do valor, mas não é ela o elemento gerador daquela «mais-valia» (extorquida como sobre-trabalho, ou trabalho não pago), que faz canonicamente o sistema produtivo funcionar de modo capitalista.

## § 5. Em jeito de remate

É tempo de concluir este arrazoado que já vai longo, e por demais castigador da paciência – mesmo se militantemente generosa – do auditório presente, e de eventuais leitores.

Convém, por isso, fazer o ponto de uma situação que permita surpreender linhas mestras, não só ao nível da compreensão, em geral, mas também no tabuleiro dos desenvolvimentos.

*O Capital* de Marx é, sem dúvida, uma obra de ciência<sup>(54)</sup> – de demanda de saber fundamentado.

*O Capital* de Marx é, *do mesmo passo*, um instrumento para combates<sup>(55)</sup> na labuta (e na luta) pela *transformação* e pela *reconfiguração* do modo de organizar a produção e a reprodução do viver colectivo, à luz de uma crescente e enraizada afirmação de padrões enriquecidos de humanidade.

Não estamos, no entanto, nem perante uma obra morta, nem perante uma tarefa acabada – ou, pelo menos, de antemão definitivamente fixada nos

---

## Na apresentação do Livro II de O Capital

traços particularizados que lhe incumbe materializar no corpo deveniente das realidades históricas.

Trata-se, decerto, de *obra feita*, e de obra bem feita – com larga e documentada base informativa, com membramento na sua arquitectura e fundamentação no seu teor, com programa nos seus desígnios, com ampla respiração apontada ao porvir e com mordente eficaz sobre o futuro que devém feito, um a-fazer.

Mas não se trata, porém, em caso algum, de obra morta.

Desde praticamente a sua aparição (<sup>56</sup>), *O Capital* não deixou de suscitar, e até aos nossos tempos, da parte de quadrantes muito diferenciados (e com intenções acentuadamente distintas), reparos críticos, incompreensões várias, e acesas polémicas – quer quanto ao seu teor determinado, quer quanto ao seu prospecto, quer, sobretudo, quanto à maneira como vai interpelando as contemporaneidades e emprestando colorido às tarefas que uma intervenção nelas não deixa de ir colocando na ordem do dia.

Penso ser esta circunstância de vitalidade inerente à obra, e do poder interpelativo de que se reveste, que, no fundo, permite explicar, por exemplo, as páginas de crítica que Engels, no prefácio de 1885 preparado para este Livro segundo (<sup>57</sup>), dirige às concepções de Johann Karl Rodbertus-Jagetzow, e, muito especial, às tentativas de «mitificação» deste autor (<sup>58</sup>) (em linha, de resto, com a operação de denegrimto tentado da figura de Marx) por banda da catedrática *Nationalökonomie* alemã da altura.

Sobremaneira, porém, a obra não está finada (terminada), porque concluído não se encontra também o processo de desenvolvimento (por vezes, tão-só de adaptação) do próprio capitalismo (mais elástico na sua resiliência do que de ordinário se supõe) – que nela é objecto de fundamentada dissecação *crítica* quanto à estrutura que o comanda, aos dispositivos que regem as suas diferentes figuras de manifestação, à «lógica» que (acompanhada de graus maiores ou menores de consciência estratégica) prossegue.

As tarefas que se desprendem deste aturado e conseguido esforço de penetração (combativa) na inteligibilidade dos processos constitutivos da dominação capitalista, para as quais *O Capital* nos concita, não estão também conclusas – como, de resto, salta aos olhos (mesmo de aqueles que se pretendem consolar com repetidos anúncios do óbito iminente da história, e entretanto procuram desarmar os outros para a sua feitura) –, nem delineadas programaticamente de um modo tal que, perante um catecismo canonizado (ditado por alguma transcendente palavra da salvação), apenas bastassem umas quantas luzes de engenho (e determinação de vontade) para cumprir com a sua observância e proceder à sua aplicação.

Porque a história da exploração capitalista continua – em moldes certamente modificados, ainda que porventura mais na sua emergência do que na sua natureza –, o *estudo* tem também que prosseguir.

E, com ele, a *luta* – enriquecida pelo saber e pela experiência decorrente das suas próprias vicissitudes –, de igual modo, em aberto permanece, de-

safiando a nossa inteligência, os nossos anseios, e, incontornavelmente, a nossa *prática*, que é sempre exercício de transformação material.

*Compreender e transformar* – é o que nos interpela e concita.

Transformar para compreender, e compreender transformando. Sabendo, e assumindo, que, na abertura que a história em processo nos desdobra, na transitividade do seu decurso (que está entretecida também de escritura humana), não vale tudo, nem tudo se equivale, – e que mesmo aquilo que vale continua a desenvolver-se e a requerer, da nossa parte, um atento, continuado, e eficaz, exercício de cuidado, de tomada a cargo.

Na biografia de Marx elaborada por Franz Mehring, e publicada em 1918, a secção respeitante aos Livros segundo e terceiro de *O Capital* foi, a pedido do autor<sup>(59)</sup>, redigida por Rosa Luxemburg.

A dado passo, encontramos aí uma observação, formulada de modo impressivo, que nos alerta para traços que, porventura, podem constituir inspiração para o prosseguimento das nossas actividades:

«Tal como toda a visão do mundo [*Weltanschauung*] de Marx, a sua obra principal» (trata-se de *O Capital*) «não é nenhuma bíblia com verdades de última instância, prontas, válidas de uma vez por todas, mas uma fonte inesgotável de incitamento [*Anregung*] ao trabalho espiritual ulterior, ao ulterior investigar da [verdade], e ao [ulterior] lutar pela verdade.»<sup>(60)</sup>

Efectivamente, o grande mérito de Marx (e do legado que nos transmite) não reside em resolver-nos os problemas, mas em permitir-nos que os coloquemos correctamente no horizonte que vai configurando o espaço do nosso envolvimento interventivo.

Saibamos, no concreto das nossas existências, estar à altura de uma herança de humanidade que nos cumpre vivificar – e de um trabalho da história das realidades de que ninguém *por nós* se pode desempenhar.

É neste combate que os comunistas – na esteira de Marx, de Engels, de Lénine, de muitos outros de que conhecemos, e não conhecemos, os nomes – estão, e continuarão a *estar*. Isto é, em toda a consequência da sua dimensão accional: a lutar.

Muito obrigado.

Lisboa, Agosto de 2009.

## Notas

(<sup>1</sup>) Em rigor, e certamente a partir de uma determinada fase, Marx previa também que viesse a sair um Livro IV de *O Capital*, dedicado a uma revisão crítica da literatura económica – «o Livro histórico-literário», «das historisch-literarische Buch», Karl MARX, *Brief an Friedrich Engels*, 31. Juli 1865; *Marx-Engels Werke*, ed. IML (doravante: MEW), Berlin, Dietz Verlag, 19743, vol. 31, p. 132 –, abarcando «a história da Economia Política desde os meados do século XVII» (*die Geschichte der Politischen Ökonomie seit Mitte des 17. Jahrhunderts*): cf. MARX, *Brief an Sigfrid Meyer*, 30. April 1867; MEW, vol. 31, p. 543.

De acordo com este plano inicial, o volume II estaria destinado a reunir os Livros segundo e terceiro, devendo o Livro quarto, por sua vez, constituir o volume III de *O Capital*. Cf. MARX, *Brief an Ludwig Kugelmann*, 13. Oktober 1866; MEW, vol. 31, p. 534, bem como MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg. 1867*, Vorwort; *Marx-Engels Gesamtausgabe*, ed. Günter Heyden e Anatoli Jegorow (doravante: MEGA2), Berlin, Dietz Verlag, 1983, vol. II/5, p. 14.

## Na apresentação do Livro II de O Capital

O andamento dos trabalhos e as vicissitudes ligadas à própria publicação levaram, no entanto, a que estas previsões se não confirmassem, nem no que diz respeito à distribuição orgânica da obra, nem no que veio a tocar à sua edição.

Marx, na verdade, começou a redacção de *O Capital*, como ele próprio aliás reconhece, «na sequência inversa» (*in der umgekehrten Reihenfolge*), iniciando-a pela parte histórica – cf. MARX, *Brief an Sigmund Schott*, 3. November 1877; MEW, vol. 34, p. 307. Com efeito, a matéria respeitante a esta problemática histórica e crítica das teorias económicas preenche um pedaço muito significativo dos manuscritos de 1861-1863 (cf. MEGA2, vols. II/3.2 – II/3.6), que, todavia, não chegaram a ser por ele apontados para impressão.

No prefácio da primeira edição do volume III de *O Capital* (1894) – que, entretanto, acabou por compreender apenas o Livro III (assim como o volume II se resumiu ao Livro segundo) –, Engels, quanto ao prosseguimento dos seus trabalhos de editor, informa: «Atacarei o Livro quarto – a história da teoria da mais-valia – logo que, de qualquer modo, se me tornar possível.» – «Das vierte Buch – die Geschichte der Mehrwerthstheorie – werde ich in Angriff nehmen, sobald es mir irgendwie möglich wird.», Friedrich ENGELS, *Vorwort*, in MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg. 1894*; MEGA2, vol. II/15, p. 11.

Engels ainda se debruçou sobre os materiais deste Livro quarto – cf., por exemplo, ENGELS, *Zum Inhalt von Buch 4 des “Kapitals”* (1894); MEGA2, vol. II/14, p. 348), e chegou mesmo a proceder à revisão de partes da sua transcrição (cf. ENGELS, *Brief an Laura Lafargue*, 28. März 1895; MEW, vol. 39, p. 450); todavia, não viveu o suficiente para conseguir levar o projecto a bom porto.

Embora não na sua integralidade, os manuscritos referentes ao inicialmente previsto como devendo constituir o futuro Livro IV de *O Capital* – sob o título de *Teorias acerca da Mais-valia (Theorien über den Mehrwert)* – só vieram a ser publicados, pela primeira vez, por Karl Kautsky, em três volumes, entre 1905 e 1910.

O tratamento genético-crítico cabal desta problemática em torno da evolução dos planos antevistos por Marx para o que viria a constituir *O Capital* teria, no entanto, que começar por ter igualmente em conta o projecto de uma composição da crítica da Economia política em que «o todo está repartido em 6 Livros» (*das Ganze ist eingeteilt in 6 Bücher*), tratando, respectivamente, do capital, da propriedade fundiária, do trabalho assalariado, do Estado, do comércio internacional, e do mercado mundial. Cf. MARX, *Brief an Ferdinand Lassalle*, 22. Februar 1858; MEW, vol. 29, p. 551, bem como: MARX, *Brief an Engels*, 2. April 1858; MEW, vol. 29, p. 312, e MARX, *Brief an Joseph Weydemeyer*, 1. Februar 1859; MEW, vol. 29, p. 573.

Para uma abordagem deste tópico, segundo perspectivas nem sempre coincidentes, vejam-se, por exemplo, de entre a vasta bibliografia:

Roman ROSDOLSKY, *Zur Entstehungsgeschichte des Marxschen “Kapital”*, Frankfurt am Main – Wien, Europäische Verlagsanstalt – Europa Verlag, 1968; Maximilien RUBEL, «Introduction» in MARX, *Oeuvres. Économie*, ed. M. Rubel, Paris, Éditions Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1968, vol. II, em especial, pp. LXXXVI – CXXVII; M. RUBEL, «Plan et méthode de l'Économie», *Marx critique du Marxisme. Essais*, Paris, Payot, 1974, pp. 369-401; Witali S. WYGODSKI, *Wie «Das Kapital» entstand*, Berlin, Verlag Die Wirtschaft, 1976; W. S. WYGODSKI, *Das Werden der ökonomischen Theorie von Marx und der wissenschaftliche Kommunismus*, Berlin, Dietz Verlag, 1978; Larissa MISKEWITSCH, Michail TERNOWSKI, Alexander TSCHEPURENKO, W. WYGODSKI, «Zur Periodisierung der Arbeit von Karl Marx am ‘Kapital’ in den Jahren 1863 bis 1867», *Marx-Engels Jahrbuch*, Berlin, n. 5 (1982), pp. 294-322; Wolfgang JAHN e Thomas MARXHAUSEN, «Die Stellung der ‘Theorien über den Mehrwert’ in der Entstehungsgeschichte des ‘Kapitals’», *Der zweite Entwurf des ‘Kapitals’. Analysen, Aspekte, Argumente*, ed. W. Jahn e Manfred Müller, Berlin, Dietz Verlag, 1983, pp. 42-77; L. MISKEWITSCH e W. WYGODSKI, «Über die Arbeit von Marx am II. und III. Buch des ‘Kapitals’ in den Jahren 1866 und 1867», *Marx-Engels Jahrbuch*, Berlin, n. 8 (1985), pp. 198-212; W. JAHN, «Zur Entwicklung der Struktur des geplanten ökonomischen Hauptwerkes von Karl Marx», *Arbeitsblätter zur Marx-Engels-Forschung. Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg*, Halle, n. 20 (1986), pp. 6-44; Manfred MÜLLER, «Über Marx’ Entwurf zum dritten Buch des ‘Kapitals’ von 1864/1865», *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*, Berlin, n. 25 (1988), pp. 6-28.

(<sup>1</sup>) «Der bestimmende Zweck der kapitalistischen Produktion ist stets Verwerthung des vorgeschossenen Werths», Karl MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Zweiter Band. Hamburg. 1885* (doravante: *Das Kapital II*), II, 7; MEGA2, vol. II/13, p. 141.

(<sup>2</sup>) Cf., por exemplo, MARX, *Brief an Engels*, 22. Juni 1867; MEW, vol. 31, p. 306.

(<sup>3</sup>) «das furchtbarste Missile, das den Bürgern (Grundeigentümer eingeschlossen) noch an den Kopf geschleudert worden ist.», MARX, *Brief an Johann Philipp Becker*, 17. April 1867; MEW, vol. 31, p. 541.

(<sup>4</sup>) «Hurra !», exclama Engels ao tomar conhecimento do desenlace, «Este grito foi irreprimível, assim que finalmente li preto no branco que o volume I [de *O Capital*] está pronto, e que tu queres já [ir] com ele para Hamburgo [onde viria a ser publicado].» – «Hurra ! Dieser Ausruf war irrepressibel, als ich endlich schwarz auf weiß las, daß der I. Band fertig ist und Du gleich nach Hamburg willst.», ENGELS, *Brief an Karl Marx*, 4. April 1867; MEW, vol. 31, p. 283.

(<sup>5</sup>) «ela possui um valor científico independente do original e deve ser consultada mesmo pelos leitores familiarizados com a língua alemã.» – «elle possède une valeur scientifique indépendante de l’original et doit être consultée même par les lecteurs familiers avec la langue allemande.», MARX, *Le Capital. Paris 1872-1875, Avis au lecteur*; MEGA2, vol. II/7, p. 690.

(7) Marx, de resto, revela uma nítida consciência da diferença que subsiste entre a ordem que corresponde ao «modo de investigação» (*Forschungsweise*) e aquela que preside ao «modo de exposição» (*Darstellungsweise*). Cf., por exemplo, MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1872*, Nachwort; MEGA2, vol. II/6, p. 709.

(8) Cf. MARX, *Brief an Engels, 7. Mai 1867*; MEW, vol. 31, p. 296.

(9) Cf. ENGELS, *Vorwort* (1894), in MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg. 1894*; MEGA2, vol. II/15, p. 7.

(10) Cf. MARX, *Brief an Nikolai Franzewitsch Danielson, 13. Juni 1871*; MEW, vol. 33, p. 231.

(11) Cf. *Karl Marx. Chronik seines Lebens in Einzeldaten*, ed. Marx-Engels-Lenin Institut Moskau (1934), Frankfurt am Main, Makol Verlag, 19712, p. 379.

(12) «Depois da morte do pobre Mouro [*Mohr*, a alcunha afectuosa por que Marx era conhecido entre os familiares e os amigos íntimos], a indagação minha, Tussy [Eleanor] informou-me de que ele lhe tinha dito que ela e eu havíamos de entrar na posse de todos os papéis dele, e de curar da publicação do que fosse de ser publicado, especialmente, do 2.º volume [de *O Capital*] e das obras matemáticas.» – «After poor Mohr's death, on my inquiry, Tussy informed me that he had told her, she and I were to take possession of all his papers, and procure the publication of what was to be published, especially the 2nd volume and the mathematical works.», ENGELS, *Letter to Laura Lafargue, 24 June 1883*; *Collected Works*, ed. Eric Hobsbawm et al., Moscow – London – New York, Progress Publishing Group – Lawrence & Wishart – International Publishers, 1995, vol. 47, p. 39.

Veja-se também: ENGELS, *Brief an Ferdinand Domela Nieuwenhuis*; MEW, vol. 36, p. 7.

(13) Como Engels não deixa de observar: «a letra manuscrita» (*Handschrift*) destes papéis de Marx, francamente ou «de um modo chão» (*platterdings*), «só para mim [é] legível, e mesmo assim com esforço» (*nur mir lesbar; und das mit Mühe*). Cf. ENGELS, *Brief an August Bebel, 30. August 1883*; MEW, vol. 36, p. 56.

(14) Cf. MARX, *Brief an Engels, 31. Juli 1865*; MEW, vol. 31, p. 132.

(15) Cf. MEGA2, vol. II/13.

(16) Cf. MEGA2, vol. II/12.

(17) Cf., designadamente, MEGA2, vols. II/11 e II/4.3.

(18) «hätte ich das gewußt, ich hätte ihm bei Tag und Nacht keine Ruh gelassen, bis es ganz fertig und gedruckt war.», ENGELS, *Brief an August Bebel, 30. August 1883*; MEW, vol. 36, p. 56.

(19) Com efeito, no entender do próprio Marx, o Livro segundo de *O Capital*, pelo rumo que a sua redacção estava a tomar, apresentava-se, em virtude da própria natureza das matérias tratadas e dos meandros que importava esclarecer, como «em grande parte demasiado teórico» (*großenteils zu sehr theoretisch*). Cf. MARX, *Brief an Engels, 14. November 1868*; MEW, vol. 32, p. 204.

(20) «Der 2. Band wird große Enttäuschung erregen, weil er so rein wissenschaftlich ist und nicht viel Agitatorisches enthält.», ENGELS, *Brief an Friedrich Adolph Sorge, 3. Juni 1885*; MEW, vol. 36, p. 324.

(21) Não é o momento aqui de aprofundar este tema. No entanto, é conveniente nunca perder de vista uma conhecida observação – talvez, para alguns, perturbadora – que Lenin, no decorrer da sua leitura da *Ciência da Lógica* de Hegel, anota num dos seus aforismos dos *Cadernos Filosóficos*:

«Não é possível compreender plenamente o “Capital” de Marx e particularmente o seu I capítulo sem ter estudado a fundo e sem ter compreendido *toda* a Lógica de Hegel. Por conseguinte, meio século depois nenhum marxista compreendeu Marx!», Vladimir Ilitch LÉNINE, *Conspicuo do livro de Hegel “Ciência da Lógica”* (1914); *Obras Escolhidas em Seis Tomos*, ed. José Barata-Moura, Francisco Melo, e José Oliveira (doravante: OE6), Lisboa – Moscovo, Edições «Avante!» - Edições Progresso, 1989, vol. 6, p. 164.

(22) «ohne die Vermittlung des Processes, dessen Resultat es ist», MARX, *Das Kapital II*, I, 1, III; MEGA2, vol. II/13, p. 46.

Também, designadamente, na *Ciência da Lógica*, Hegel havia observado que «no resultado está essencialmente contido aquilo de que ele resulta» – «im Resultate wesentlich das enthalten ist, woraus es resultiert», Georg Wilhelm Friedrich HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), Einleitung, Allgemeiner Begriff der Logik; *Theorie Werkausgabe*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1969, vol. 5, p. 49.

(23) «In einem rotirenden Kreis ist jeder Punkt zugleich Ausgangspunkt und Punkt der Rückkehr.», MARX, *Das Kapital II*, I, 4; MEGA2, vol. II/13, p. 93.

(24) Cf. MARX, *Das Kapital II*, I, 5; MEGA2, vol. II/13, p. 116.

(25) Cf. MARX, *Das Kapital II*, II, 16, I; MEGA2, vol. II/13, p. 281.

(26) Marx considera que esta «confusão» (*Verwechslung*) de categorias corresponde a um «erro fundamental» (*Grundirrtum*) em que a generalidade dos economistas burgueses com frequência incorre. Cf. MARX, *Das Kapital II*, II, 8, I; MEGA2, vol. II/13, p. 148.

(27) Sobre a necessidade de estabelecer e de desenvolver, com correcção, tanto de um ponto de vista epistemológico como de um ponto de vista ontológico, a dialéctica do «abstracto» e do «concreto», veja-se, por exemplo: MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Einleitung zu den “Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie”, I, 3; MEGA2, vol. II/1.1, p. 36.

(28) A ideia, nos seus traços genéricos, encontra-se esboçada já, pelo menos, desde 1848, quando se assinala que, ao forçar todas as nações do globo a adoptar, sob pena de naufrágio económico, o modo de produção capitalista (e os padrões civilizacionais que lhe correspondem), a burguesia «cria-se um mundo à sua própria imagem» – «sie schafft sich eine Welt nach ihrem eigenen Bilde», MARX-ENGELS, *Manifest der Kommunistischen Partei*, I; MEW, vol. 4, p. 466.

## Na apresentação do Livro II de O Capital

Para Marx, com efeito, e de acordo com uma carta de 1858, «a tarefa propriamente dita da sociedade burguesa é a fabricação do mercado mundial (pelo menos, nos seus contornos) e de uma produção repousando na base dele.» – «Die eigentliche Aufgabe der bürgerlichen Gesellschaft ist die Herstellung des Weltmarkts, wenigstens seinen Umrissen nach, und einer auf seiner Basis ruhenden Produktion.».

Porventura, mais importante ainda – por tudo aquilo que revela quanto à abordagem intrinsecamente dialéctica dos problemas – é a percepção, nesta mesma carta igualmente evidenciada, de que esta mundialização dos mercados pode afectar, em relação ao continente europeu, o ritmo previsível (se perspectivado, em exclusivo, no seu âmbito) da precipitação dos processos revolucionários:

«Não será ela [a revolução] neste pequeno canto [a Europa] necessariamente esmagada, uma vez que num terreno muito mais largo [a cena mundial dos mercados] o movimento da sociedade burguesa é ainda ascendente?» – «Wird sie in diesem kleinen Winkel nicht notwendig gecrusht werden, da auf viel größerm Terrain das movement der bürgerlichen Gesellschaft noch ascendant ist?». Cf. MARX, *Brief an Engels*, 8. Oktober 1858; MEW, vol. 29, p. 360.

<sup>(29)</sup> Cf. MARX, *Das Kapital II*, II, 14; MEGA2, vol. II/13, p. 233.

<sup>(30)</sup> «Der Artikel wird stückweis von verschiednen Ländern und in verschiednen Zeiterminen zugeführt.» MARX, *Das Kapital II*, I, 6, II, 1; MEGA2, vol. II/13, p. 132.

<sup>(31)</sup> Como Marx certamente observa, a «tendência» (*Tendenz*) inerente ao modo de produção capitalista, em geral, vai no sentido de «transformar toda a produção, o mais possível, em produção de mercadorias» – «alle Produktion möglichst in Warenproduktion umwandeln», MARX, *Das Kapital II*, I, 4; MEGA2, vol. II/13, p. 103.

<sup>(32)</sup> Marx revela uma nítida consciência do vínculo estrutural e funcional que subsiste, num marco de «mundialização» crescente, entre estas dimensões da «mercadorização» e do assalariamento, pondo por isso em evidência a sua articulação.

A «produção capitalista desenvolvida» (*entwickelte kapitalistische Produktion*) pressupõe a «dominação» (*Herrschaft*) de um regime assente no trabalho assalariado – que, inclusivamente, vai alastrando para esferas que, de entrada ou tradicionalmente, pareciam escapar-lhe (como, por exemplo, o campo das denominadas «profissões liberais» ou «independentes») –, o que acarreta, por outro lado (e com fundas implicações sistémicas), todo um incremento do «papel principal» (*Hauptrolle*) que advém ao «capital-dinheiro» (*Geldkapital*).

Deste modo, e por conseguinte, «na medida em que o sistema de trabalho assalariado se desenvolve, todo o produto se transforma em mercadoria» – «Im Maß, wie sich das Lohnarbeitssystem entwickelt, verwandelt sich alles Produkt in Waare», MARX, *Das Kapital II*, III, 20, XII; MEGA2, vol. II/13, p. 444.

<sup>(33)</sup> Cf. MARX, *Das Kapital II*, III, 21, I, 1; MEGA2, vol. II/13, p. 460.

<sup>(34)</sup> Como Marx não deixa de assinalar, a economia assente no crédito (*Kreditwirtschaft*) corresponde ela própria à forma mais desenvolvida da economia baseada no dinheiro (*Geldwirtschaft*), que acaba por ser comum (num quadro todavia de especificidades que importa não perder de vista) às diferentes figuras da produção de mercadorias. Veja-se, por exemplo, quanto a este ponto: MARX, *Das Kapital II*, I, 4; MEGA2, vol. II/13, pp. 107-108.

<sup>(35)</sup> «Der Produktionsproceß erscheint nur als unvermeidliches Mittelglied, als nothwendiges Uebel zum Behuf des Geldmachens. Alle Nationen kapitalistischer Produktionsweise werden daher periodisch vom Schwindel ergriffen, worin sie ohne Vermittlung des Produktionsprocesses das Geldmachen vollziehen wollen.» MARX, *Das Kapital II*, I, 1, IV; MEGA2, vol. II/13, p. 54.

<sup>(36)</sup> «jeder weiß was er hineinsetzt, aber nicht was er herauszieht», MARX, *Das Kapital II*, III, 20, VIII; MEGA2, vol. II/13, p. 403.

<sup>(37)</sup> Veja-se, por exemplo, aquilo que nos é documentadamente contado acerca das edificantes lições a retirar dos processos utilizados no negócio da edificação em Londres no século XIX. Cf. MARX, *Das Kapital II*, II, 12; MEGA2, vol. II/13, pp. 216-217.

<sup>(38)</sup> «ändert natürlich nichts an dem wirklichen Zusammenhang der Dinge, worüber Buch geführt wird», MARX, *Das Kapital II*, II, 8; MEGA2, vol. II/13, p. 163.

<sup>(39)</sup> «Die Buchführung, als Kontrolle und ideelle Zusammenfassung des Processes wird um so nothwendiger, jemehr der Process auf gesellschaftlicher Stufenleiter vorgeht und den rein individuellen Charakter verliert; also nothwendiger in der kapitalistischen Produktion als in der zersplitterten des Handwerks- und Bauernbetriebs, nothwendiger bei gemeinschaftlicher Produktion als bei kapitalistischer.» MARX, *Das Kapital II*, I, 6, I, 2; MEGA2, vol. II/13, p. 124.

Sobre algumas das implicações da necessária atenção a estas matérias num modo comunista de organização da sociedade, veja-se, por exemplo: MARX, *Das Kapital II*, II, 16, III; MEGA2, vol. II/13, pp. 291-292.

<sup>(40)</sup> Cf. MARX, *Das Kapital II*, III, 20, X; MEGA2, vol. II/13, p. 409.

<sup>(41)</sup> «Neste sentido,» – isto é, à luz da resplandecente concepção de que todo aquele que vende mercadoria (mesmo quando ela seja, afinal, e involuntariamente, ele próprio) é capitalista – «também o escravo devém capitalista, apesar de ele ser vendido como mercadoria de uma vez por todas por uma terceira pessoa; pois, a natureza desta mercadoria, [a natureza] do escravo de trabalho, implica que o seu comprador, não só a faz trabalhar [a essa mercadoria/escravo] cada dia de novo, como lhe dá também os meios de vida por intermédio dos quais ela pode sempre de novo voltar a trabalhar.» – «In diesem Sinn wird auch der Sklave Kapitalist, obgleich er von einer dritten Person ein für allemal als Waare verkauft wird; denn die Natur dieser Waare – des Arbeitssklaven – bringt es mit sich, daß ihr Käufer sie nicht nur jeden Tag von neuem arbeiten läßt, sondern ihr auch die Lebensmittel gibt, vermögen deren sie stets von neuem wieder arbeiten kann.» MARX, *Das Kapital II*, III, 20, X; MEGA2, vol. II/13, p. 409.

(42) Cf. MARX, *Das Kapital II*, III, 21, II; MEGA2, vol. II/13, p. 467.

(43) MARX, *Das Kapital II*, III, 20, XIII; MEGA2, vol. II/13, p. 454.

(44) O capital – é-nos explicado já nesse escrito em larga medida fundador, que marcou profundamente o ideário e as perspectivas de luta do movimento operário de orientação consequentemente socialista – corresponde a «um produto comunitário» (*ein gemeinschaftliches Produkt*), e reveste-se, portanto, também de «um poder social» (*eine gesellschaftliche Macht*). Cf. MARX – ENGELS, *Manifest der Kommunistischen Partei* (1848), II; MEW, vol. 4, pp. 475-476.

(45) Depois de chamar a atenção para a circunstância de que toda a sociedade constitui ela própria um tecido de relações sociais, e que é a partir dele, e no respectivo horizonte histórico concreto, que tem que ser considerada, Marx acrescenta:

«Também o *capital* é uma relação social de produção. *Ele é uma relação burguesa de produção*, uma relação de produção da sociedade burguesa.» – «Auch das *Kapital* ist ein gesellschaftliches Produktionsverhältnis. *Es ist ein bürgerliches Produktionsverhältnis*, ein Produktionsverhältnis der bürgerliche Gesellschaft.» MARX, *Lohnarbeit und Kapital* (1849); MEW, vol. 6, p. 408.

(46) «É apenas o hábito da vida diária que faz aparecer como trivial, como evidente, que uma relação social de produção», designadamente, no caso do capital. «tome a forma de um objecto [*Gegenstand*], de tal modo que a relação [*Verhältnis*] das pessoas no seu trabalho se exponha antes como uma relação em que coisas se comportam umas para com as outras e para com as pessoas.» – «Es ist nur die Gewohnheit des täglichen Lebens, die es als trivial, als selbstverständlich erscheinen läßt, daß ein gesellschaftliches Produktionsverhältnis die Form eines Gegenstandes annimmt, so daß das Verhältnis der Personen in ihrer Arbeit sich vielmehr als ein Verhältnis darstellt, worin Dinge sich zu einander und zu den Personen verhalten.» MARX, *Zur Kritik der politischen Ökonomie* (1859), I, 1, 1; MEGA2, vol. II/2, p. 114.

(47) «das Kapital nicht eine *Sache* ist, sondern ein durch Sachen vermitteltes *gesellschaftliches Verhältnis* zwischen Personen», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen ökonomie* (1867), I, VI, 3; MEGA2, vol. II/5, pp. 611-612.

É igualmente a partir desta perspectiva concepcional nova que se descobre – desde logo, nos casos da mercadoria e do dinheiro – o «feiticismo» (*Fetischismus*) que campeia nas abordagens triviais da economia clássica.

Esta feiticização presta-se aos mais desvairados exercícios de «robinsonismo» metodológico – «as robinsonadas do século XVIII» (*die 18.-Jahrhundert-Robinsonaden*), em que a abstracção do individuo isolado é erigida em ponto de partida real (cf. MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Einleitung zu den “Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie”, I, 1; MEGA2, vol. II/1.1, pp. 21-22) —, mas começa por assentar na incapacidade de apreender que «a ligação pessoal [isto é, a relação entre pessoas] está escondida pela forma *coisal*.» – «Die persönliche Beziehung ist versteckt durch die *sachliche* Form.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1867), I, 1, 1; MEGA2, vol. II/5, p. 46.

Nestes termos, «o misticismo da mercadoria brota, portanto, do facto de que, para os produtores privados, as determinações *sociais* dos seus trabalhos *privados* aparecem como *determinidades sociais de Natureza* [*gesellschaftliche Naturbestimmtheiten*] dos produtos de trabalho; [brota do facto] de que as *relações sociais de produção das pessoas* aparecem como *relações sociais das coisas* umas para com as outras e para com as pessoas.» – «Der Mysticismus der Waare entspringt also daraus, daß den Privatproduzenten die *gesellschaftlichen* Bestimmungen ihrer *Privatarbeiten als gesellschaftliche Naturbestimmtheiten der Arbeitsprodukte*, daß die *gesellschaftlichen Produktionsverhältnisse der Personen als gesellschaftliche Verhältnisse der Sachen* zu einander und zu den Personen erscheinen.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1867), I, 1, 1; MEGA2, vol. II/5, p. 47.

Quanto a esta secção e a este tópico, tenham-se em conta também os desenvolvimentos introduzidos no texto da segunda edição: MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Hamburg 1872*, I, I, I, D, 4; MEGA2, vol. II/6, pp. 102-113.

Todo este quadro se revela, por conseguinte, decisivo para a compreensão de como «o *enigma do feitiço do dinheiro* é, assim, apenas o *próprio enigma do feitiço da mercadoria* tornado visível, e ofuscando os olhos.» – «Das *Räthsel des Geldfetichs* ist daher nur das sichtbar gewordne, die Augen blendende *Räthsel des Waarenfetichs selbst*.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1867), I, I, 2; MEGA2, vol., II/5, p. 59.

Com efeito, por detrás da coisalidade das mercadorias, do dinheiro, do capital, há sempre trabalho humano social objectivado – no caso da produção burguesa, num marco constitutivo de *relações* capitalistas.

(48) «Das Kapital als sich verwerthender Werth umschließt nicht nur Klassenverhältnisse, einen bestimmten gesellschaftlichen Charakter, der auf dem Dasein der Arbeit als Lohnarbeit ruht. Es ist eine Bewegung, ein Kreislaufproceß durch verschiedene Stadien», MARX, *Das Kapital II*, I, 4; MEGA2, vol. II/ 13, p. 98.

(49) «Die kapitalistische Produktion ist nicht nur *Produktion von Waare*, sie ist wesentlich *Produktion von Mehrwerth*. Der Arbeiter producirt nicht für sich, sondern für das Kapital. Es genügt daher nicht länger, daß er überhaupt producirt. Er muß Mehrwerth produciren. *Nur der Arbeiter ist produktiv, der Mehrwerth für den Kapitalisten producirt oder zur Selbstverwerthung des Kapitals dient*.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1867), I, V, 1; MEGA2, vol. II/5, pp. 413-414.

(50) «Der unmittelbare Produktionsproceß des Kapitals ist sein Arbeits- und Verwerthungsproceß,

## Na apresentação do Livro II de O Capital

der Proceß, dessen Resultat das Waarenprodukt, und dessen bestimmendes Motiv die Produktion von Mehrwerth.», MARX, *Das Kapital II*, III, 18, I; MEGA2, vol. II/13, p. 325.

Nos termos pelos quais esta mesma ideia vem expressa no Livro terceiro de *O Capital*:

«O capitalista não produz a mercadoria por causa dela própria, não [a produz] por causa do seu valor de uso ou [por causa] do seu consumo pessoal. O produto de que, de facto, se trata para o capitalista não é o próprio produto palpável, mas o excedente de valor do produto acima do valor do capital nele consumido.» – «Der Kapitalist producirt die Waare nicht ihrer selbst wegen, nicht ihres Gebrauchswerths oder seiner persönlichen Konsumtion wegen. Das Produkt, um das es sich in der That für den Kapitalisten handelt, ist nicht das handgreifliche Produkt selbst, sondern der Werthüberschuß des Produkts über den Werth des in ihm konsumirten Kapitals.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg. 1894*, I, I, 2; MEGA2, vol. II/15, p. 44.

<sup>(51)</sup> «weil der Mehrwerth erst durch den Verkauf des Produkts, durch seine Cirkulation realisirt wird, er nur aus dem Verkauf, aus der Cirkulation entspringe.», MARX, *Das Kapital II*, II, 10; MEGA2, vol. II/13, p. 183.

<sup>(52)</sup> Lembremos outro contexto onde o tema centralmente vem à tona, nos seus macabros contornos haustóricos: «O capital é trabalho morto que apenas se anima, à maneira de um vampiro, pela sucção de trabalho vivo, e que vive tanto mais quanto mais dele sugar.» – «Das Kapital ist verstorbene Arbeit, die sich nur vampyrmäßig belebt durch Einsaugung lebendiger Arbeit und um so mehr lebt, je mehr sie davon einsaugt.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1867), I, III, 4; MEGA2, vol. II/5, p. 179.

<sup>(53)</sup> «Die Circulation des Capitals ist werthrealisirend, wie die lebendige Arbeit werthschaffend.», MARX, *Ökonomische Manuskripte 1857/58*, Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie, II, III, Kreislauf des Kapitals; MEGA2, vol. II/1.2, p. 441.

No Livro terceiro de *O Capital*, voltamos a encontrar uma síntese apropriada destes dois movimentos que permitem surpreender a diferença entre «geração» e «realização» do valor, no quadro do processo total da produção capitalista:

«A fórmula universal do capital é D[inheiro] – M[mercadoria] – D[inheiro]'; quer dizer: uma soma de valor [determinada] é lançada em circulação para arrancar dela [depois] uma soma de valor maior. O processo que engendra esta soma de valor maior é a produção capitalista; o processo que a realiza é a circulação do capital.» – «Die allgemeine Formel des Kapitals ist G – M – G'; d. h. eine Werthsumme wird in Cirkulation geworfen, um eine größere Werthsumme aus ihr herauszuziehn. Der Proceß, der diese größere Werthsumme erzeugt, ist die kapitalistische Produktion; der Proceß, der sie realisirt, ist die Cirkulation des Kapitals.», MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg. 1894*, I, I, 2; MEGA2, vol. II/15, p. 44.

<sup>(54)</sup> Esta é, na verdade, uma perspectiva central para a abordagem desta obra, que desde logo não escapou a alguns dos seus primeiros leitores qualificados.

Joseph Dietzgen – que, à época, trabalhava em S. Petersburgo como curtidor de peles –, na recensão que elabora para a *Demokratisches Wochenblatt* de Leipzig (1868), escreve que se trata de «um produto da ciência no sentido mais elevado da palavra» (*ein Produkt der Wissenschaft im höchsten Sinn des Wortes*), na medida em que nos proporciona o «espelho» (*Spiegel*) e a «luz» (*Licht*) que permitem ao leitor, não simplesmente «acreditar» (*glauben*), mas «ver» (*sehen*) e «conhecer» (*erkennen*). Cf. Joseph DIETZGEN, «Das Kapital» von Marx. *Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band: Der Produktionsprozeß des Kapitals* (1868); *Gesammelte Schriften*, ed. Eugen Dietzgen, Berlin, Verlag von J. H. W. Dietz Nachf., 1930, vol. III, respectivamente pp. 72 e 71.

<sup>(55)</sup> É precisamente neste sentido que – referindo-se a *O Capital* como dispositivo de enquadramento para as tarefas históricas de transformação – Lenin pode afirmar: «Só a teoria económica de Marx explicou a situação real do proletariado no conjunto do regime capitalista.», LÉNINE, *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo* (1913), III; OE6, vol. 2, p. 95.

<sup>(56)</sup> Sob este ponto de vista, será significativo ter em conta, por exemplo, a recensão de Eugen DÜHRING, «Marx. Das Kapital, Kritik der politischen Oekonomie, 1. Band, Hamburg, 1867», *Ergänzungsblätter zur Kenntniß der Gegenwart*, Hildburghausen, 3 (1867), pp. 182-186.

Os comentários cursivos que Engels dedica a esta recensão são igualmente ilustrativos do clima que rodeava esta primeira recepção por banda do professorado encartado.

«O bom do economista vulgar» (*der brave Vulgärökonom*) sentiu-se «atingido nos pontos mais sensíveis» (*frappé au vif*) – confia ele ao amigo –, e pouco mais consegue adiantar do que um conjunto de trivialidades, do ponto de vista burguês, acerca das dúvidas quanto à determinação do valor pelo tempo de trabalho, visando, no entanto, sugerir sempre que Marx ainda não é «suficientemente erudito» ou «douto» (*gelehrt genug*) para poder ser objecto de uma discussão séria... Cf. ENGELS, *Brief an Marx*, 7. Januar 1867; MEW, vol. 32, p. 8.

Chegaram até nós também as primeiras reacções de Marx a esta recensão – expressas, designadamente, em cartas a Engels e a Ludwig Kugelmann, do primeiro trimestre de 1868 –, por onde, aliás, não deixa de perpassar um certo sentimento de gratidão por Dühring ter sido o primeiro «especialista» (*Fachmann*) oriundo de meios universitários a escrever sobre a obra.

Para além de outras precisões rápidas em torno das questões do valor e do trabalho, Marx aproveitou a ocasião para esquematizar aqueles que, no seu entender, constituem os principais contributos inovadores de *O Capital* (cf. MARX, *Brief an Engels*, 8. Januar 1868; MEW, vol. 32, pp. 11-12), e para dissipar eventuais malentendidos relativamente à utilização que faz da dialéctica hegeliana (cf. MARX, *Brief an Engels*, 8. Januar 1868; MEW, vol. 32, p. 9). Contrariamente a uma apressada proscricção que diferentes

sectores (onde era de incluir também, apesar de tudo, Ludwig Feuerbach) tratavam de fazer cair sobre a dialéctica de Hegel (cf. MARX, *Brief an Engels*, 11. Januar 1868; MEW, vol. 32, p. 18), aquilo de que ela verdadeiramente precisa – e que Marx procurou levar a cabo – é de ser assentada e desenvolvida em bases materialistas (cf. MARX, *Brief an Ludwig Kugelmann*, 6. März 1868; MEW, vol. 32, pp. 538-539). Encontramos, de resto, aqui uma perspectiva que voltará a ser recuperada, e complementada, no pós-fácio à segunda edição alemã do Livro primeiro de *O Capital*: cf. MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* (1872), Nachwort; MEGA2, vol. II/6, pp. 707-710.

Antes ainda da saída da obra, porém, tanto Marx como Engels manifestavam bem avisados receios de um silenciamento dela por parte dos meios de comunicação afectos às orientações dominantes, bem como da opinião «cultura», em geral.

Preocupado com a falta de publicidade em torno da publicação próxima de *O Capital*, Engels, a fim de levantar celeuma, chega mesmo a perguntar a Marx se não deveria «atacar a coisa do ponto de vista burguês» (*das Ding vom bürgerlichen Standpunkt angreifen*). Cf. ENGELS, *Brief an Marx*, 11. September 1867; MEW, vol. 31, p. 435.

Marx, na volta do correio, logo trata de responder prontamente que considera esse «plano» (*Plan*) como «o melhor meio de guerra» (*das beste Kriegsmittel*) para agitar as águas. Cf. MARX, *Brief an Engels*, 12. September 1867; MEW, vol. 31, p. 346.

Entretanto, também foram saindo referências em revistas de outra coloratura ideológica, como, por exemplo, para além da recensão de Dietzgen já mencionada, um texto de Johann Baptiste Schweitzer – «Das Werk von Carl Marx» –, publicado, sob anonimato, ao longo de uma dúzia de números, entre Janeiro e Maio de 1868, em *Der Social-Demokrat*, de Berlin, órgão da *Allgemeiner Deutscher Arbeiterverein*.

No entanto, e apesar das tímidas movimentações ocorridas, Marx, nos começos de 1869, continua a lamentar-se – face ao lento escoamento dos exemplares dos escaparates das livrarias, com os consequentes reflexos na percepção das contrapartidas financeiras para o autor – da falta de coragem dos economistas políticos em expressarem com frontalidade as suas opiniões relativamente à obra: «Esta cobardia dos mandarins da especialidade, de um lado, a conspiração do silêncio da imprensa burguesa e reaccionária, do outro, causam-me grande prejuízo.» – «Diese Feigheit der Fachmandarinen einerseits, die Totschweigungskonspiration der bürgerlichen und reaktionären Presse andererseits tut mir großen Schaden.», MARX, *Brief an Ludwig Kugelmann*, 11. Februar 1869; MEW, vol. 32, p. 590.

<sup>(57)</sup> Cf. ENGELS, *Vorwort*, in MARX, *Das Kapital II*; MEGA2, vol. II/13, pp. 9-21.

<sup>(58)</sup> Relativamente à desmontagem do «mito de Rodbertus» (*Mythus von Rodbertus*), veja-se também: ENGELS, *Brief an Karl Kautsky*, 16. Februar 1884; MEW, vol. 36, p. 108.

<sup>(59)</sup> Cf. Franz MEHRING, *Karl Marx. Geschichte seines Lebens* (1918), Vorwort; ed. Thomas Höhle, Berlin, Dietz Verlag, 19835, p. 10.

<sup>(60)</sup> «Wie die ganze Weltanschauung Marxens ist sein Hauptwerk keine Bibel mit fertigen, ein für allemal gültigen Wahrheiten letzter Instanz, sondern ein unerschöpflicher Born der Anregung zur weiteren geistigen Arbeit, zum weiteren Forschen und Kämpfen um die Wahrheit.», Rosa LUXEMBURG, *Der zweite und dritte Band [des "Kapitals"]* (1918); *Gesammelte Werke*, ed. Günter Radczun, Berlin, Dietz Verlag, 1974, vol. 4, p. 291.